

Segregação, ideologia e gozo, entre Lacan e Althusser

Fábio Luís Ferreira Nóbrega Franco

Resumo

Este trabalho objetiva desenvolver um estudo crítico do conceito de ideologia e seu destino na psicanálise lacaniana a partir da exploração das relações entre a noção de segregação, em Jacques Lacan, e a teoria da ideologia, de Louis Althusser. Para tanto, o artigo será dividido em três partes: na primeira, apresentaremos os elementos centrais da teoria althusseriana da ideologia, com destaque para suas investigações a respeito da função dos aparelhos ideológicos do Estado (AIE) na constituição subjetiva. Na sequência, procuraremos extrair de Althusser uma interpretação a respeito da segregação como derivada de mecanismos ideológicos de reconhecimento subjetivo articulados com aparelhos repressivos estatais. Finalmente, na terceira e última parte, pretendemos sustentar a hipótese de que a teoria lacaniana dos discursos, a partir da qual se podem interpretar suas afirmações sobre as práticas segregativas desenvolvidas em 1967, sofreu impactos de parte das elaborações de Althusser sobre a ideologia, deixando de lado, porém, sua análise materialista dos AIE, cuja ausência redundava em um conjunto de impasses nas análises lacanianas a respeito da economia pulsional da sociedade.

Palavras-chave:

Althusser; Lacan; Ideologia; Discursos; Segregação.

Segregation, ideology and jouissance, between Lacan and Althusser

Abstract

This paper aims to develop a critical study of the concept of ideology and its fate in Lacanian psychoanalysis by exploring the relationship between Jacques Lacan's notion of segregation and Louis Althusser's theory of ideology. To this end, the article will be divided into three parts: in the first, we will present the central elements of Althusser's theory of ideology, emphasizing his investigations into the function of the ideological apparatuses of the State (IEA) in subjective constitution. Next, we will try to extract from Althusser an interpretation of segregation as deriving from ideological mechanisms of subjective recognition articulated with repressive state apparatuses.

Finally, in the third and last part, we intend to support the hypothesis that the Lacanian theory of discourses, from which one can interpret his statements on segregative practices developed in 1967, was impacted by part of Althusser's elaborations on ideology, leaving aside, however, his materialist analysis of the AIE, the absence of which results in a set of impasses in Lacanian analyses of the drive economy of society.

Keywords:

Althusser; Lacan; Ideology; Discourses; Segregation.

Segregación, ideología y goce, entre Lacan y Althusser

Resumen

Este artículo pretende desarrollar un estudio crítico del concepto de ideología y su destino en el psicoanálisis lacaniano, explorando la relación entre la noción de segregación de Jacques Lacan y la teoría de la ideología de Louis Althusser. Para ello, el artículo se dividirá en tres partes: en la primera, presentaremos los elementos centrales de la teoría de la ideología de Althusser, haciendo hincapié en sus investigaciones sobre la función de los aparatos ideológicos del Estado (AIE) en la constitución subjetiva. A continuación, intentaremos extraer de Althusser una interpretación de la segregación como derivada de mecanismos ideológicos de reconocimiento subjetivo articulados con aparatos represivos del Estado. Finalmente, en la tercera y última parte, pretendemos sostener la hipótesis de que la teoría lacaniana de los discursos, a partir de la cual se pueden interpretar sus afirmaciones sobre las prácticas segregativas desarrolladas en 1967, fue impactada por parte de las elaboraciones de Althusser sobre la ideología, dejando de lado, sin embargo, su análisis materialista de la AIE, cuya ausencia resulta en un conjunto de impasses en los análisis lacanianos de la economía pulsional de la sociedad.

Palabras clave:

Althusser; Lacan; Ideología; Discursos; Segregación.

Ségrégation, idéologie et jouissance, entre Lacan et Althusser

Résumé

Cet article vise à développer une étude critique du concept d'idéologie et de son destin dans la psychanalyse lacanienne en explorant la relation entre la notion de ségrégation de Jacques Lacan et la théorie de l'idéologie de Louis Althusser. Pour ce faire, l'article sera divisé en trois parties : dans la première, nous présenterons

les éléments centraux de la théorie de l'idéologie d'Althusser, en mettant l'accent sur ses recherches sur la fonction des appareils idéologiques d'Etat (A.I.E.) dans la constitution subjective. Ensuite, nous tenterons d'extraire d'Althusser une interprétation de la ségrégation comme dérivant de mécanismes idéologiques de reconnaissance subjective articulés aux appareils répressifs de l'Etat. Enfin, dans la troisième et dernière partie, nous entendons soutenir l'hypothèse selon laquelle la théorie lacanienne des discours, à partir de laquelle on peut interpréter ses propos sur les pratiques ségréгатives développés en 1967, a été impactée par une partie des élaborations d'Althusser sur l'idéologie, laissant toutefois de côté son analyse matérialiste de l'A.I.E., dont l'absence entraîne un ensemble d'impasses dans les analyses lacaniennes de l'économie pulsionnelle de la société.

Mots-clés :

Althusser ; Lacan ; Idéologie ; Discours ; Ségrégation.

Introdução

Formação de massas e segregação são fenômenos intimamente associados, sobre os quais a psicanálise, desde Freud, vem trabalhando para decifrar suas dinâmicas pulsionais. Em "Psicologia das massas e análise do Eu" (Freud, 1921/2021), o psicanalista vienense sustenta ser o ódio ao outro a contrapartida necessária do enamoramento narcísico dos grupos sociais por si mesmos. Analisando, por exemplo, as massas religiosas, particularmente as Igrejas cristãs, Freud (1921/2021, pp. 171-172) conclui que, "no fundo, toda religião é uma religião de amor como essa [a cristã] é a todos aqueles que a seguem, e todas se inclinam à crueldade e à intolerância para com aqueles que não lhe pertencem". O mesmo pode ser aplicado, completa Freud, para qualquer outro tipo de formação de massa, seja uma nação socialista, seja uma comunidade de cientistas.

As conclusões de Freud em 1921 estão na base de alguns dos mais importantes estudos dedicados às formações de massa contemporâneas, tais como os de Adorno e Horkheimer (1947/1985), Claude Lefort (1976) e, mais indiretamente, o de Michele Alexander (2018), para citarmos apenas alguns.

Em todas essas análises, de maneira mais ou menos explícita, a segregação e os efeitos mortíferos que ela suscita são explicados a partir das dinâmicas de produção e reprodução de modos de existência fortemente individualizados e autocentrados, cuja suposta identidade de si consigo mesmo é conquistada ao preço da expulsão das diferenças para um espaço outro, além dos muros.

Na trilha aberta por Freud, Lacan distinguirá uma teoria geral da segregação, em que essa aparece como princípio necessário para a instauração de qualquer laço social, e uma teoria restrita da segregação, que a concebe como uma prá-

tica derivada do discurso da ciência moderna e de seu efeito de objetificação do humano, corolário dos processos de redução analítica dos fenômenos a partes atomizadas sobre as quais operam o conhecimento e a técnica (Askofaré, 2009).

Por essas e outras razões, as contribuições teóricas de Freud e Lacan para a crítica à economia libidinal da segregação permanecem essenciais. Porém, se Lacan é cômico do enraizamento das práticas segregativas nas formas de ordenação do gozo próprias da ciência moderna e sua racionalidade instrumental, o psicanalista francês se restringe a uma abordagem da segregação excessivamente reduzida a um único campo discursivo, a ciência, sem considerar nem outros discursos, nem os nexos entre esses e as relações sociais de produção que os materializam como discursos ideológicos.

Este pequeno trabalho, que é parte de uma pesquisa maior em curso, objetiva desenvolver um estudo crítico do conceito de ideologia e seu destino na psicanálise lacaniana a partir da exploração das relações entre a noção de segregação, em Jacques Lacan, e a teoria da ideologia, de Louis Althusser. Para tanto, o artigo será dividido em três partes: na primeira, apresentaremos os elementos centrais da teoria althusseriana da ideologia, com destaque para suas investigações a respeito da função dos aparelhos ideológicos do Estado (AIE) na constituição subjetiva. Na sequência, procuraremos extrair de Althusser uma interpretação a respeito da segregação como derivada de mecanismos ideológicos de reconhecimento subjetivo articulados com aparelhos repressivos estatais. Finalmente, na terceira e última parte, pretendemos sustentar a hipótese de que a teoria lacaniana dos discursos, a partir da qual se podem interpretar suas afirmações sobre as práticas segregativas desenvolvidas em 1967, sofreu impactos de parte das elaborações de Althusser sobre a ideologia, deixando de lado, porém, sua análise materialista dos AIE, cuja ausência redundava em um conjunto de impasses nas análises lacanianas a respeito da economia pulsional da sociedade.

A ideologia como estrutura prática, material e inconsciente

Uma das contribuições inequívocas de Althusser para o debate marxiano a respeito da ideologia está na adoção de elementos-chave do estruturalismo para interpretar a obra de Marx, libertando-a das leituras excessivamente subjetivistas, segundo as quais a ideologia seria uma falsa consciência ou uma ilusão cognitiva que existiria apenas como uma realidade mental para o indivíduo. Ao mesmo tempo, é por meio de sua apropriação do estruturalismo que Althusser pôde dar continuidade aos estudos de Gramsci sobre a hegemonia ideológica como forma de dominação pelo consenso, estendendo essa interpretação para o Estado.

Assim, ao lado dos “aparelhos repressivos do Estado”, que operam primeiramente por meio da violência e da coerção, Althusser inclui os aparelhos ideológicos, que procuram assegurar a reprodução das relações de produção por intermédio da ideologia dominante, que é, segundo Althusser recupera de Marx, a ideologia da classe dominante.

Em *Aparelhos ideológicos de Estado*, Althusser (1970/2022) explica o que é e como se forma essa ideologia com base em duas teses que constituem uma teoria da ideologia em geral. Tese 1: “A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (Althusser, 1970/2022, p. 95). Por meio dessa afirmação, o filósofo francês defende a reflexividade dupla (Gillot, 2018, p. 96) da ideologia, porquanto ela é uma representação de segunda ordem (Althusser, 1970/2022, p. 92), que funciona como uma estrutura performativa global e inconsciente das interações imaginárias primárias dos indivíduos com a realidade, nas quais estão em jogo escolhas, crenças e suposições conscientes e pré-conscientes. Assim, a ideologia não se reduz a meras ideias; antes, ela tem, segundo o filósofo francês, um estatuto primeiramente prático-social (Althusser, 1970/2022). Em consequência, diz a tese 2: “A ideologia tem uma existência material” (Althusser, 1970/2022, p. 98), proveniente dos AIE, que prescrevem “práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença” (Althusser, 1970/2022, p. 103). Dessa tese, Althusser extrai duas proposições: a) “só há prática através de e sob uma ideologia” (Althusser, 1970/2022); b) “só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito” (Althusser, 1970/2022).

Para o autor, a ideologia é, assim, uma prática que depende do sujeito e, simultaneamente, implica efeitos de subjetivação. No caso dos AIE, a transformação de indivíduos concretos em sujeitos se faz por meio da *interpelação*. Essa operação se realiza quando um indivíduo se sente implicado no apelo de um outro, como nas situações em que uma autoridade chama uma pessoa na rua e essa se volta, reconhecendo ser ela o objeto da interpelação. Esse processo é onipresente e trans-histórico, segundo Althusser, o que o leva a afirmar que o indivíduo concreto em seu estado puro, pré-*interpelação*, é apenas uma abstração, pois “os indivíduos são sempre já-sujeitos” (Althusser, 1970/2022, p. 109). O filósofo francês explica esse aparente *nonsense* recorrendo ao que Freud já demonstrou:

Assinalando simplesmente o *ritual ideológico* que envolve a espera de um “nascimento”, este “feliz acontecimento”. Todos sabemos como e quanto é esperada a criança ao nascer. Deixando de lado os “sentimentos”, prosaicamente, isto quer dizer que *as formas de ideologia familiar/paternal/maternal/conjugal/fraternal*, que constituem a espera do nascimento da criança, lhe conferem antecipadamente uma série de características: ela terá o nome do pai, terá, portanto, uma identidade, e será insubstituível. Antes de nascer, a criança é, portanto, sujeito, determinada a sê-lo através de e na *configuração ideológica familiar* específica na qual ela é esperada “após” ter sido concebida. (Althusser, 1970/2022, p. 110, grifo nosso)

Optamos por citar esse trecho na íntegra em razão da importância que tem para nosso argumento: não apenas Althusser se vale da teoria psicanalítica da subjetivação quanto o faz introduzindo nela seu próprio vocabulário, ao definir a família como uma *configuração ideológica específica*. Essa designação é tanto mais importante se se lembrar que o autor já havia incluído a família entre os demais aparelhos ideológicos de Estado, como o religioso, o educacional, o jurídico etc. Portanto, na leitura althusseriana, as formas de ideologia familiar que conferem à criança, antes mesmo de seu nascimento, certa identidade são também, como qualquer outra ideologia regional, unificadas pela ideologia dominante secretada pela luta de classes.

Com essas afirmações, Althusser buscaria corrigir um problema entre os linguistas que ele diagnostica em uma nota de *Aparelhos ideológicos de Estado*: “Os linguistas e todos aqueles que recorrem à linguística com diferentes fins tropeçam frequentemente em dificuldades que decorrem do desconhecimento do jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos, inclusive os discursos científicos” (Althusser, 1970/2022, p. 105, n. 16). A frase é capiciosa, uma vez que o desconhecimento de que Althusser acusa os linguistas é função da própria ideologia, que cobre com a certeza da evidência o que é resultado material da luta de classes. Com isso em mente, a denúncia althusseriana é muito mais grave: ao desconhecer os efeitos da ideologia sobre os discursos, os linguistas estariam, eles próprios, submetidos à ideologia da classe dominante. Veremos adiante quais consequências esse tipo de afirmação pode ter na psicanálise lacaniana.

Sujeito, interpelação, sujeitos

Na sequência de seu argumento sobre os efeitos subjetivantes da interpelação, Althusser analisa a ideologia religiosa cristã com ênfase para uma passagem do Evangelho de Mateus em que Cristo interpela Pedro, convocando-o a ser a pedra sobre a qual a Igreja se fundará. Uma vez aceito esse chamado, reconhecendo-se nele, Pedro confirma sua posição de sempre-já sujeito, portador de uma identidade e submetido à vontade desse outro que o chama. Porém, Althusser observa que essa equivalência de reconhecimentos e vontades é apenas aparente no caso da ideologia religiosa, na qual se explicita algo generalizável para toda e qualquer forma de interpelação:

O que significa que toda ideologia tem um centro, lugar único ocupado pelo Sujeito Absoluto, que interpela, à sua volta, a infinidade de indivíduos como sujeitos, numa dupla relação especular que submete os sujeitos ao Sujeito, dando-lhes no Sujeito, onde qualquer sujeito pode contemplar a sua própria imagem (presente e futura), a garantia de que certamente trata-se deles e Dele, e de que, se passando tudo em Família (a Santa Família:

a Família é, por sua essência, Santa), “Deus aí reconhecerá os seus”, ou seja, aqueles que tiverem reconhecido Deus e se tiverem reconhecido Nele serão salvos. (Althusser, 1970/2022, p. 114)

Partindo dessas análises, nas quais é possível identificar os ecos de *O estádio do espelho*, de Lacan, Althusser formulará que toda ideologia, mesmo as regionais, tem em seu centro um Sujeito Absoluto, seja o padre, o médico, o engenheiro, o professor, o psicólogo etc., que interpela o indivíduo como sujeito (livre) para que aceite (livremente) sua sujeição ao Sujeito, de quem pode esperar, em troca da obediência, alguma resposta ao desamparo. Em outras palavras, a transformação dos indivíduos em sujeitos depende da desigualdade e discrepância de poderes entre o interpelado e o Outro interpelante. Acontece que, como vimos anteriormente, essa multiplicidade de ideologias, materializadas em aparelhos ideológicos e nas práticas que esses definem, está, ela mesma, centralizada por um Sujeito Absoluto: a classe dominante. Do mesmo modo, poderíamos pensar que esses processos de interpelação e subjetivação estão crivados, de cima a baixo, por conflitos sociais, de forma que os indivíduos que não se deixam assujeitar totalmente pelos AIE, e, portanto, não se ajustam à forma hegemônica de subjetividade no espelho do Sujeito, terão como destino possível a segregação.

Com efeito, cabe aos AIE colaborar com os aparelhos repressivos de Estado para garantir a *reprodução das relações de produção* (Althusser, 1970/2022, p. 80), que, sob o capitalismo, são relações entre os agentes da produção — o proletariado — e os proprietários dos meios de produção — os capitalistas —, os quais, após o processo de produção, apropriam-se do produto do trabalho, repartindo uma parte entre os trabalhadores na forma de salário e guardando para si mesmos o restante, a mais-valia. Por isso, no modo de produção capitalista, as relações de produção são, ao mesmo tempo, relações de exploração do proletariado pelos capitalistas (Althusser, 1999, p. 55).

Nesses termos, poder-se-ia supor que a segregação articula AIE e aparelhos repressivos de Estado, posto que ela é indissociável de um conjunto de práticas que visariam a afastar, marginalizar, enclausurar todas as pessoas que não fossem reconhecidas como sujeitos pelo Sujeito capitalista, alçado à condição de universal concreto. Esses indivíduos incorrigíveis, insubjetiváveis, infamiliars, no sentido freudiano de emergência repentina do que a sociedade precisou recalcar para se constituir, convocariam a ação dos aparelhos repressivos para fazer valer a segregação ideológica, arrastando-os à força para as prisões, comunidades terapêuticas, centros de detenção provisória, ou, em alguns casos, executando-os sumariamente.

Após essas considerações, fica mais evidente a força da crítica althusseriana aos linguistas, abordada um pouco antes: ao desconhecerem os efeitos da ideologia, não apenas esses teóricos estariam submetidos à ideologia dominante quanto to-

mariam o lado dos capitalistas na luta de classes, colaborando na reprodução do modo de produção capitalista.

A segregação à luz da teoria dos discursos: qual é o lugar da ideologia?

O que pretendemos explicitar agora é de que forma o conceito althusseriano de ideologia, ainda que não citado diretamente por Lacan, pode ter influenciado certo deslocamento da compreensão lacaniana da ideologia tal como se encontra articulada à sua teoria dos discursos. No entanto, Lacan parece ter minimizado a importância do materialismo de Althusser, o qual, a nosso ver, precisa ser recuperado como complemento crítico das análises lacanianas a respeito das práticas segregativas, em particular, e da teoria dos discursos, em geral.

De fato, o termo ideologia aparece raras vezes no ensino de Lacan. Se, à primeira vista, ele ocupa uma posição lateral em seus seminários e escritos, uma análise mais atenta descobrirá que o termo ocorre associado a dois outros conceitos estruturantes da teoria e da clínica do psicanalista francês: fantasia e discursos.

Em *A lógica da fantasia*, na lição de 10 de maio de 1967, Lacan afirma:

O *sintoma*, quer dizer a significância das discordâncias entre o real e isso pelo que ele se dá. A ideologia, se quiserem. Mas com uma condição, é que por esse termo vocês iriam até incluir a percepção mesma.

A percepção é o modelo da ideologia. (Lacan, 1966-1967, p. 169)

Nesse momento, Lacan já tem desenvolvida sua concepção do real como o impossível, o qual somente pode ser entrevisto pela “montagem do simbólico e do imaginário”, a saber, pela fantasia. É nesse entre, no ponto em que a máscara fantasmática vacila diante do furo do real, que vem se instalar o sintoma como solução de compromisso. A identificação entre ideologia e fantasia se faz com a condição de incluirmos a percepção como modelo da ideologia, o que coloca Lacan bastante próximo de uma vertente teórica que concebia a ideologia preferencialmente em termos cognitivos, isto é, como um conjunto de representações fictícias da realidade que são tomadas, pelo indivíduo, como verdadeiras e reais. Ao mesmo tempo, ao definir, nesse seminário e nos precedentes, a fantasia como suporte do desejo e significação da verdade, Lacan parece inclinado a compreender a ideologia em termos que antecipam aqueles que encontraremos na obra de Althusser, a saber, como uma estrutura imaginária na qual as relações também imaginárias entre o sujeito e os outros são posicionadas e significadas.

Essas ideias serão aprofundadas alguns anos mais tarde, entre 1971-1972, em *...Ou pior*, no qual Lacan volta a recorrer à noção de ideologia, mas, dessa vez, associando-a aos discursos e sua função de regular o gozo no laço social. Citemo-lo:

O que gostaria de dizer mais livremente é que, se me acho em condições de facilitar, de abrir caminho para o discurso analítico, como o escrevi, é por considerar que ele constitui, ao menos potencialmente, esse tipo de estrutura que designo pelo termo *discurso*, ou seja, isto por meio do qual, pelo efeito puro e simples da linguagem, precipita-se um laço social. Isso foi percebido sem que se precisasse, no entanto, da psicanálise. É o mesmo que comumente chamamos de *ideologia*. (Lacan, 1971-1972, p. 96)

O deslocamento é sensível entre o que Lacan diz da ideologia no *Seminário 14* e no *Seminário 21*: enquanto em 1967, como vimos, a ideologia, referida à fantasia, toma como modelo a capacidade representacional da percepção, fornecendo uma espécie de máscara para o furo do real, em 1972 ela é articulada com os efeitos da linguagem sobre o laço social. Não é improvável que a razão dessa mudança esteja justamente no contato de Lacan com *Aparelhos ideológicos de Estado*, que Althusser escreve em 1968 e publica em 1970.

Nesse ínterim, entre o início da redação e o lançamento de AIE, Lacan elabora sua conhecida teoria dos discursos, por meio da qual se tratava de estender ao laço social a lógica do inconsciente estruturado como uma linguagem. Os discursos formulados por Lacan representam as diversas modalidades de *aparelhamento* do gozo pela linguagem, que estabelece limites para sua fruição na sociedade, distribuindo posições e modos de circulação da verdade, do agente, do Outro e do produto dessa relação. Ora, se, como vimos no extrato do *Seminário 19*, o laço social se precipita desses discursos tomados como aparelhos de linguagem, e se Lacan os identifica com a ideologia, é porque essa tem a ver com aparelhos que operam como uma linguagem. Não podiam ser mais evidentes os laços que a estrutura da linguagem estabelece entre Althusser e Lacan.

Porém, assim como se dá em todas as modalidades de enlaçamento humano, há um impossível que insiste em não se escrever. Ainda que Lacan esteja mais próximo da leitura althusseriana do que permite supor a ausência de referências diretas ao filósofo em seus seminários, a associação da teoria dos discursos com a ideologia não vai até a segunda página, em razão de Lacan limitar sua compreensão das causas materiais e históricas dos aparelhos discursivos à linguagem. Uma consequência disso sobre o lacanismo é a transformação dos discursos em esquemas transcendentais e, portanto, *a priori*, capazes de descrever normativamente as modalidades de gestão dos gozos.¹ Poder-se-ia objetar que o próprio Lacan admitiu, de algum modo, os nexos entre as transformações discursivas e

¹ Consideramos que talvez aí esteja uma das razões para os comentadores de Lacan se perderem em discussões sobre a existência de 4 ou 4+1. Dado o estatuto transcendental de que gozam, a limitação de seu número a quatro discursos, ainda que justificada pela referência lacaniana aos giros, não tem qualquer outra fundamentação para além do argumento de autoridade.

os contextos históricos, como atestam, por exemplo, suas análises sobre a passagem do antigo mestre para o discurso do capitalista (Lacan, 1971-1972, p. 36). No entanto, mesmo nelas não há desenvolvimentos mais substanciais a respeito de qual foi e como se produziu “certo desvio”, que, “por um ínfimo deslizamento”, transformou o discurso do mestre no do capitalista.

A mesma problemática pode ser encontrada de modo mais explícito nas discussões de Lacan a respeito do objeto com o qual nos ocupamos privilegiadamente neste artigo: a segregação. É na crítica radical aos efeitos práticos da ciência que Lacan baseia parte expressiva de suas formulações sobre a segregação. Seguindo a rigorosa análise de Sidi Askofaré (2009) a respeito dessa noção em Lacan, compreendemos que, de início, para Lacan, a segregação é um fato de discurso, inexpugnável dele, uma vez que ela é efeito da linguagem sobre o vivente humano. Como sintetiza Askofaré:

Que ela não seja efeito, resultado ou consequência de um discurso, mas do princípio mesmo de discursos que estruturam os laços inter-humanos se verifica no fato de que todas as formas de organizações humanas se suportam e se nutrem da ideia de fraternidade — da família à nação — passando pelo clã, a tribo, a raça ou a religião etc... — não são senão tipos de arranjos em torno de um *S1* ou de modos regidos de tratamento do gozo que não se põe senão se opondo, que só são o *Um* devido ao *Outro*; ou quando o *Outro* se desvanece, é o *Um* que se cinde! (Askofaré, 2009, p. 348)

O passo inédito de Lacan na tematização dos efeitos de segregação no mundo social está em ter identificado no discurso da ciência a captura da segregação estrutural por um conjunto de práticas segregativas organizadas e planejadas, como as que participaram de algumas das grandes tragédias humanitárias do século XX. Diz o psicanalista:

(...) os progressos da civilização universal vão se traduzir (...) por uma prática, em que você verá que ela vai se tornar cada vez mais estendida, que não se fará sem demora ver sua verdadeira face, mas que tem um nome que se transforma ou que não querará dizer a mesma coisa e que vai acontecer: a segregação. (Lacan, 1967, p. 13)

Ainda que, seguindo as análises de Askofaré, as reflexões lacanianas a respeito dessas práticas segregativas estejam concentradas n’*O pequeno discurso aos psiquiatras*, de 1967, muito do que Lacan aí diz sobre as relações entre efeitos de segregação e ciência moderna pode ser mais bem compreendido a partir do recurso

ao matema do discurso da ciência, desenvolvido alguns anos depois. Dito isso, a emergência das práticas segregativas se explicaria, na hipótese de Askofaré, primeiramente em razão do fato de o discurso da ciência, ao colocar o saber no lugar do semblante, ser aquele que pretende ter sobre o sujeito um saber totalizante, do qual resultaria um sujeito puro, supostamente universal, mas paradoxalmente reduzido a um objeto efeito da ciência, passível de ser fragmentado, classificado, mensurado e relacionado com outros objetos em termos meramente quantitativos. Nesse caso, o que fica velada é a divisão subjetiva e, com ela, os fenômenos que manifestam os protestos e as resistências do sujeito às pretensões universalistas do saber científico. Nas palavras de Askofaré (2009, p. 352): “É em torno desses fenômenos que objetam ao processo de Um-iversalização e ao Um-perialismo da ciência que vão se constituir os isolados, as concentrações, as novas repartições inter-humanas que Lacan propõe denominar efeito de segregação.”

O que salta aos olhos no entendimento lacaniano sobre a segregação é o fato de se abrir aí uma via interessante para uma análise mais ampliada das relações entre dinâmicas estruturais e práticas empíricas, nas quais essas podem derivar da captura das primeiras por determinados discursos para fins de dominação e controle social. Porém, Lacan avança muito pouco nessa direção. Por isso, surge uma série de impasses, que dizem respeito não somente à teoria dos discursos, mas à prática clínica, uma vez que implicam consequências para a política e a ética da psicanálise. Tais impasses podem ser formulados nas seguintes questões: Quem é responsável pelo uso ideológico da segregação estrutural, efeito do discurso no real? Qual ou quais interesses respondem por esse uso? Que papel cumprem os discursos na reprodução das relações sociais de produção, particularmente das relações de exploração sob o capitalismo? Finalmente, se Lacan, melhor do que Althusser, soube identificar e justificar o poder de resistência do sujeito do inconsciente em relação aos significantes que pretendem objetificá-lo, como pensar essa resistência para além da singularidade do sujeito? Seria ainda possível falar em luta de classes na psicanálise?

O que pretendemos desenvolver em futuros trabalhos é a hipótese de que o materialismo psicanaliticamente informado de Althusser pode fornecer algumas pistas para continuarmos a compreender a função e o campo da psicanálise diante dos problemas cruciais da sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

- Adorno, T., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1947)
- Alexander, M. (2018). *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*. São Paulo: Boitempo.
- Althusser, L. (1999). *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes.
- Althusser, L. (2022). *Aparelhos ideológicos de Estado* (14a ed.). Rio de Janeiro: Paz & Terra. (Trabalho original publicado em 1970)
- Askofaré, S. (2009, julho/dezembro). Aspectos da segregação. *A Peste*, 1(2), 345-354. Recuperado em 2 de outubro, 2023, de <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/issue/view/441>
- Freud, S. (2021). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 137-232). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1921)
- Gillot, P. (2018). *Althusser e a psicanálise*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Lacan, J. (1966-1967). *Séminaire 14 : logique du fantasme*. Inédito. Recuperado em 3 de outubro, 2023, de <http://staferla.free.fr/S14/S14%20LOGIQUE.pdf>
- Lacan, J. (1967). *Petit discours aux psychiatres*. Conférence prononcée. L'Hôpital Sainte-Anne. Cercle Psychiatrique Henri Ey, le 10/11/1967. Recuperado em 27 de outubro, 2023, de https://www.psychanalyse-freud-lacan-lyon.com/images/stories/Petit_Discours_aux_Psychiatres.pdf
- Lacan, J. (1969-1970). *Séminaire 17 : l'envers de la psychanalyse*. Recuperado em 2 de outubro, 2023, de <http://staferla.free.fr/S17/S17.htm>
- Lacan, J. (1971-1972). *Séminaire 19 : ...ou pire*. Recuperado em 2 de outubro, 2023, de <http://staferla.free.fr/S19/S19.htm>
- Lefort, C. (1976). *Un homme en trop, réflexions sur « l'archipel du goulag »*. Paris: Éditions du Seuil.

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023